

PADRE AMARO GONÇALO
CARTA PASTORAL

*“Abri nos corações
a porta da Fé”!*



ANO DA FÉ

11.10.2012 > 24.11.2013

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA HORA



ÍNDICE

PÁG.	TEMA
4	<i>Saudação</i>
6	1. OUTUBRO 2012 <i>Ano da Fé? Porquê? Para quê?</i>
8	2. NOVEMBRO 2012 <i>O que é a fé? Um dom ou um sentimento religioso?</i>
11	3. DEZEMBRO 2012 <i>Para quê a fé? O amor não é tudo?</i>
12	4. JANEIRO 2013 <i>O caminho da fé dura alguns anos ou a vida inteira?</i>
13	5. FEVEREIRO 2013 <i>Guias no caminho da fé: os pais e quem mais?!</i>
15	6. MARÇO 2013 <i>Catequese de adultos, para encontrar as razões da fé</i>
16	7. ABRIL 2013 <i>A Igreja, uma companhia amiga e segura, no caminho da fé</i>
18	8. MAIO 2013 <i>Educar na fé, o que é? Saberemos fazê-lo?</i>
20	9. JUNHO 2013 <i>Educar a fé é mais do que mandar os filhos à Catequese</i>
29	10. JULHO 2013 <i>Que fé é que nos salva?</i>
30	11. AGOSTO 2013 <i>A Eucaristia, mistério admirável – e não descartável – da nossa fé</i>
34	12. SETEMBRO 2013 <i>Maria, Estrela que nos guia no caminho da fé</i>



Saudação

Caríssimos paroquianos, queridos amigos: A Paz esteja convosco! A todos vós, quero saudar, afetuosamente, seja como pároco ou tão simplesmente como *“vosso irmão e companheiro”* (Ap.1.9) na fé! Peço-vos, então, licença, para entrar em vossa casa, para bater à porta do vosso coração, e vos dirigir esta Carta, com doze reflexões sobre a fé e a educação da fé. São doze, como o número dos apóstolos! São doze, como o número dos artigos da nossa fé, expressa no Credo. São doze, como o número de meses do ano. Para não vos cansardes, nem desanimardes, na leitura, sugiro-vos que tomeis em consideração, por exemplo, apenas um dos pontos por mês, guardando devagarinho, em vossos corações, todas estas palavras. Se me abrires a porta da vossa casa, poderei guiar-vos e ajudar-vos a entrar na Casa de Deus! E será então mais fácil que se abra também, para vós, *“a porta da fé”* (At.14,27), *«que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja»* (PF1).

Esta Carta, de algum modo, é uma resposta a muitas outras cartas, ideias, críticas e sugestões, que fui (a)colhendo, de cada um de vós, por escrito ou pessoalmente, ao longo destes anos de ministério paroquial. Aproveito a ocasião favorável do Ano da Fé (de 11.10.2012 a 24.11.2013) para o fazer!

Dessa partilha, foi resultando claro, que todos queremos o maior bem de todos e a todos, mas nem sempre estão sintonizados os nossos objetivos, quando, por exemplo, pedis a colaboração da Igreja na educação da fé. Há um certo desencontro entre o que esperais de nós e o que desejaríamos oferecer-vos. Há uma dificuldade em acertar e perceber o papel de cada um de nós,



na educação da fé das novas gerações. Gostaria, com esta Carta, de ajudar a sintonizar os nossos passos, neste caminho da fé e da educação da fé! Procurarei partilhar convosco as razões da fé, de modo que as possais partilhar também entre vós, em família, e nos variados ambientes, em que a vossa vida acontece. Na verdade, ***“a experiência quotidiana diz-nos que, hoje em dia, educar para a fé, não é uma tarefa fácil. A obra de educação parece tornar-se cada vez mais árdua e precária (...) E todos sentimos dificuldade em levarmos as crianças, os adolescentes e os jovens a encontrarem-se com Jesus Cristo e a estabelecerem com Ele um relacionamento duradouro e profundo. Todavia, é precisamente nisto que consiste o desafio determinante, para o futuro da fé, da Igreja e do Cristianismo, e, portanto, constitui uma prioridade essencial do nosso trabalho pastoral: aproximar de Cristo e do Pai a nova geração, que vive num mundo em grande parte afastado de Deus”*** (Bento XVI, Discurso, 11 junho 2007).

Gostava que esta Carta nos ajudasse mutuamente a entrar, não apenas com o pé direito, mas de corpo inteiro e de alma lavada, pela Porta da Fé. Desde já, muito obrigado pela vossa atenção. E que Jesus seja o companheiro invisível que se atravessa nesta conversa (cf. Lc.24.15), para nos guiar a todos no caminho da fé. O desafio está lançado: Abri esta Carta. Tomai e lede, para abrires nos corações (vossos e dos outros) a porta da Fé!

1. OUTUBRO 2012

Ano da Fé? Porquê? Para quê?

Quando falta a fé, damo-nos conta de que falta a luz interior e a alma de tudo o resto

Contaram-me, há dias, que um reputado economista, vindo de bem longe, deu uma conferência sobre a tão badalada “crise” que todos sentimos, na pele, dirigida a altos quadros de uma empresa muito bem instalada entre nós. No tempo de diálogo, alguém interrogou o conferencista: *“Qual lhe parece ser o investimento mais necessário, para responder à grave crise, que nos atinge a todos?”*

O conceituado economista respondeu prontamente: *“É preciso um grande investimento espiritual, um investimento na fé, sem a qual as pessoas dificilmente mudarão de vida e sem a qual não encontrarão luz e força, para vencer as dificuldades, que serão imensas”.*

Eu nem queria crer, mas pude confirmá-lo posteriormente. Aqui está uma boa razão, para o Ano da Fé: a fé é um bem necessário, é um bem fundamental a uma vida com alegria e esperança! Na verdade, *“a fé não é mais uma formação como as outras. Sobre muitas infor-*

mações, pouco nos importa se são verdadeiras ou falsas, pois não mudam a nossa vida. Mas se Deus não existe, a vida é vazia, o futuro é vazio. Mas, se Deus existe, tudo se transforma, a vida é luz, o nosso futuro é luz e temos uma orientação para a nossa vida. Por isso, acreditar constitui a orientação fundamental da nossa vida” (Bento XVI, Homília, 15.08.2006).

Podemos mesmo fazer uma comparação: tal como o grau de “confiança” é tão decisivo no sucesso da economia e na evolução dos mercados, também a fé é fundamental para uma vida de primeira qualidade e de sentido último. Na verdade, se não tivermos fé, não teremos resistência nem resiliência, para vencer os desafios, que estão diante de nós!

Por isso, nos adverte Bento XVI que, em todas as lutas e labutas do nosso tempo, a fé deve ter a prioridade. Noutros tempos, e ainda há bem pouco tempo, talvez a fé pudesse ser pressuposta, como uma coisa natural: crescia-





-se na fé; ela, de certa forma, estava simplesmente presente, como uma parte da vida e não tinha que ser procurada, de modo particular. Precisava de ser formada e aprofundada, mas era vista como uma coisa óbvia” (cf. Bento XVI, Discurso, 7.11.2006). A vida das pessoas andava praticamente «*ao toque do sino da aldeia*». E a descrença era uma raridade de alguns pensadores radicais.

“Hoje parece ser natural o contrário! A fé da Igreja parece ser uma coisa do passado longínquo. Assim, até os cristãos mais ativos e participativos têm a ideia de que convém escolher para si, do conjunto da fé da Igreja, aquilo e só aquilo que lhes interessa” (cf. *Ibidem*). Em alguns casos, chega-se mesmo a dizer: «*o que importa é amar o próximo, fazer o bem ao semelhante*» ... «*Todavia, quando falta a fé, damos-nos conta de que falta a luz interior e a alma de tudo o resto*» (cf. *Ibidem*).

Neste sentido, a fé não pode mais ser dada como adquirida, nem mesmo entre os cristãos praticantes, entre os quais se nota “*uma certa*

lassidão ou cansaço da fé, uma espécie de tédio de ser cristão” (Bento XVI, Discurso, 22.12.2011).

Na verdade, “*sucedem não poucas vezes que os cristãos consideram a fé, como um pressuposto da sua vida diária. Ora um tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado*” (PF 2).

Por isso, insistamos: a fé não pode mais ser pressuposta. Tem de ser continuamente proposta! E proposta a todos, sem esquecer aqueles que parecem mais longe, mas que porventura, estão mais recetivos ao dom da fé. E aqueles que têm fé, ou julgam ter fé, não podem esquecer que a fé só cresce, na medida em que é partilhada e testemunhada aos outros. Pois “*uma fé que não se apega, apaga-se*” (Pe. António Vieira, sec. XVII).

Vai nesse sentido, a feliz proclamação do Ano da Fé, em que se pretende precisamente “*redescobrir o caminho da fé, para fazer brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo*” (PF 2).

2. NOVEMBRO 2012

O que é a fé?

Um dom ou um sentimento religioso?



*Crer é confiar não em algo, mas em Alguém, é seguir a voz e o chamamento do Desconhecido, que bate à porta do nosso coração e nos convida a **conhecê-lo***

Talvez alguns de vós me digam, com genuína sinceridade: «*eu sou uma pessoa de fé*». Outros adiantarão: «*não sou pessoa de ir à Igreja, mas tenho a minha fé*». Não faltarão os que dirão, com algum excesso de autoconfiança: «*eu não preciso de ir à Missa, para ter fé*». Nesta perspetiva, dirão ainda outros, «*cada um tem a sua fé*»... e, com tudo isto, a fé acaba por ser confundida com um mero sentimento religioso de reconhecimento de Deus. Deus é visto como um «*sábio arquiteto do mundo*», ou como um «*ser que, lá do alto, governa este mundo*». E a fé torna-se apenas um sentimento humano, ou assentimento a uma demonstração clara e evidente, crendo em qualquer coisa que se possa possuir e administrar, para segurança própria e agrado pessoal. Mas nesta «*fé*»,

bem vistas as coisas, caberiam todos os crentes (cristãos e não cristãos) e até mesmo as pessoas de boa vontade! Uma fé assim acaba por não ter relevância na vida, pois, acreditando ou não acreditando, tudo continuará na mesma.

Simplesmente, a fé de que falamos, a fé cristã, é bem mais do que um reconhecimento teórico de que Deus existe. Não é simplesmente a adesão a um conjunto de dogmas, que saciaria a sede de Deus, presente no coração humano. Ela é, em primeiro lugar, uma experiência de encontro, a nossa resposta, consciente e livre, a um Deus vivo, que vem até nós, que nos interpela, nas perguntas da razão e nas inquietações do coração, que nos fala pela Sagrada Escritura e Se nos revelou plenamente em Jesus Cristo. A fé,

enquanto resposta ao dom de Deus, que vem até nós, envolve a pessoa toda, a sua inteligência, o seu afeto, a sua liberdade, num ato de absoluta entrega e de confiança radical em Deus.

Crer é como que apoiar-se nessa *rocha misteriosa* que é o Deus vivo e verdadeiro; é experimentar incessantemente a sua estabilidade. Neste sentido, a fé não se reduz uma adesão intelectual (“acredito nisso” como quem acredita em “alguma coisa”), nem se confina a uma mera obediência moral (“cumpro os meus deveres e esforço-me por ser bom e isso é que importa”). Crer é confiar não em algo, mas em Alguém, é seguir a voz e o chamamento do Desconhecido, que bate à porta do nosso coração e nos convida a conhecê-LO; é confiar a própria vida, nas mãos de um Outro, para que Ele seja único e verdadeiro Senhor da nossa Vida.

E, por isso mesmo, *«ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»* (DCE 1).

Cada um de nós, cada um de vós, terá então de se interrogar: na estrada da minha vida, já descobri esta presença de Deus em Cristo, que forma e transforma a minha vida?



Para nós, essa pessoa é Jesus Cristo, Caminho para o Pai, Verdade que liberta, Vida, que se projeta a partir de Deus, em Deus e para Deus.

Na sua raiz bíblica, a palavra “fé” (que se diz no nosso “Àmen”) aponta para a confiança, para uma entrega sem reservas, a um Deus, que pessoalmente me ama e me espera. Como Abraão, como Maria, pela fé, e como tantos outros (cf. Heb.11), respondemos e correspondemos ao amor de Deus, que nos desafia assim a deixarmo-nos guiar e atrair pelo Seu Amor. É sempre Deus, que está primeiro, que vem primeiro e nos chama, de modo que a nossa fé é resposta a essa presença que me convoca e atrai.

Por isso, em última análise, a fé é um dom. E, nessa perspectiva, a primeira condição é aceitar o dom, é não se considerar autossuficiente, é abrir-se a Deus, como um coração pobre, que dEle tudo recebe, na certeza de que o Senhor Se nos dá realmente. Mas a fé um é dom também porque não posso responder positivamente se, em mim, não for o Espírito de Deus a mover-me, a desinstalar-me, a converter-me, a abrir-me ao seu amor.

Cada um de nós, cada um de vós, terá então de se interrogar: na estrada da minha vida, já descobri esta presença de Deus em Cristo, que forma e transforma a minha vida? Conheço, bem por dentro, este Cristo, o seu rosto, a sua Palavra, os seus gestos, tal e qual me revelam os Evangelhos e me é transmitido pela Igreja? Ou o Deus de Jesus Cristo é apenas uma figura imaginável ou respeitável do passado, mas que não afeta, em nada, a minha vida presente nem tão pouco a minha esperança na vida eterna?

Se a resposta for a segunda alternativa, então a fé perdeu já todo o seu vigor e a vida dos cristãos vai-se arrastando para uma espécie de “ateísmo prático”! Isto quer dizer: não negamos a Deus, mas, na prática, vivemos como se Ele não existisse. Neste caso, a fé deixou de se tornar uma “companheira da vida, que permite perceber, com um olhar sempre novo, as maravilhas que Deus realiza por nós” (PF 15).

Se a fé não ganhar de novo vitalidade, tornando-se uma convicção profunda e uma força real, graças ao encontro com Jesus Cristo, permanecerão ineficazes todas as outras reformas

E, deste modo, a própria prática religiosa, se vai diluindo, pouco a pouco. Todos vamos notando, que a fé cristã perdeu, sobretudo nos nossos meios, esta frescura do encontro pessoal e vital com Cristo. Parece que se tornou mais uma tradição, um costume, uma religião, que nos pesa com um conjunto de preceitos, proibições e obrigações. E então que podemos ou devemos fazer, para redescobrir a leveza e a beleza da própria fé? Como reencontrar Cristo, sem a poeira da nossa cegueira, sem os adereços que, ao longo do tempo, acabam por encobrir a beleza do seu rosto?

“Existem discussões, sem fim, a propósito do que se deve fazer, para haver uma inversão de tendência. E certamente é preciso fazer muitas coisas; mas o fazer, por si só, não resolve o problema. O cerne da crise da Igreja, sobretudo na Europa, é a crise da fé. Se não encontrarmos uma resposta para esta crise, ou seja, se a fé não ganhar de novo vitalidade, tornando-se uma convicção profunda e uma força real, graças ao encontro com Jesus Cristo, permanecerão ineficazes todas as outras reformas” (Bento XVI, Discurso, 22.12.2011).

3. DEZEMBRO 2012

Para quê a fé? O amor não é tudo?

Não faltam hoje vozes altifalantes que nos seduzem com esta ideia: «*não importa a fé; o que importa é o amor ao próximo*». E, com tal pretexto desse bem-fazer, a única religião válida seria uma espécie de «*filantropia social*», um amor voluntarioso à causa da pessoa humana. Para outros, o cristianismo e a Igreja, só interessarão enquanto instituições promotoras do desenvolvimento humano, moral, social ou cultural. Chega-se mesmo, ao cúmulo, entre nós, os cristãos, de «*estarmos mais preocupados com as consequências sociais da fé, do que com a própria fé*» (PF 2)! Não será tudo isto uma ilusão perigosa, que põe o centro da vida em nós mesmos e acaba por dispensar a fé em Deus, como verdadeiro motor e animador da vida e do amor? A história mostra-nos que sempre que se quis construir o mundo, pelas próprias mãos, pondo Deus do lado de fora, o mundo se tornou pior e mais perigoso. Sem fé e sem Deus, o mundo torna-se um lugar sem esperança. Senão vejamos como isto é verdade, ainda no contexto da presente crise:

Se nos faltar a fé, podemos até saber e conhecer o caminho de saída da crise, mas faltar-nos-á a força, que sublima e revigora a nossa vontade, para prosseguir nesse esforço



Se nos faltar a fé, apesar da nossa boa vontade, faltar-nos-á *aquela força capaz de nos motivar e induzir a abraçar renúncias e sacrifícios*. No fundo, se nos faltar a fé, *faltar-nos-á aquela luz, que ilumina a nossa inteligência, não apenas com ideias generosas, mas a transforma em opções concretas!* (cf. Bento XVI, Discurso, 22.12.2011). Sem a fé, até a própria caridade se torna “*um sentimento constantemente à mercê da dúvida*” (PF 14).

Por isso, é que não basta cumprir mandamentos e fazer o bem e “*trabalhar pela comida que se perde*”. Precisamos de investir seriamente na fé, procurando “*o alimento, que dura até à vida eterna*” (Jo.6,27)! Porque em nós há muito mais do que necessidade de pão para a boca.



4. JANEIRO 2013

O caminho da fé dura alguns anos ou a vida inteira?



Ninguém tem já feito e perfeito o seu caminho de fé. Todos juntos, avançamos, progredindo na fé, entre luzes e sombras

A fé não é, pois, um dado adquirido, na vida de ninguém. Ela vive-se como um caminho, uma peregrinação, um processo de crescimento e de amadurecimento. Foi assim, com Abraão, «*nosso pai na fé*» (cf. Rom.4,11-12.16). Foi assim, com Maria, nossa mãe, «*feliz porque acreditou*» (Lc.2.45). Foi assim na vida dos discípulos. É assim na vida dos cristãos, que vencem o mundo pela sua fé (cf. Pf 13).

Ninguém tem já feito e perfeito o seu caminho de fé. Todos juntos, avançamos, progredindo na fé, entre luzes e sombras, dúvidas e convicções, sofrimentos e consolações, silêncios

e esperanças. Todos os dias, e em cada dia, precisamos de “obedecer”, isto é, precisamos de prestar ouvidos, de inclinar o coração, para escutar e responder, para ver e compreender, para aceitar e corresponder, ao dom do amor de Deus, que nos ama e chama a segui-LO, na estrada da vida. Por isso, o verdadeiro discípulo não deixa de suplicar: «*Eu creio, Senhor, mas aumenta a minha fé*» (Lc.17,5). Este é um longo e árduo caminho, que vai da primeira páscoa, com o Batismo, à última Páscoa, com a morte. É um caminho que não se faz “*na visão clara*” (II Cor.5,7), mas que se percorre muitas vezes, na noite, em que só a Estrela da fé nos guia e faz avançar, “*esperando contra toda a esperança*” (Rom.4,18). Ninguém pode percorrer este caminho sozinho. Todos precisamos de todos. E todos precisamos de bons guias no caminho da fé (cf. At.8,31).

5. FEVEREIRO 2013

Guias no caminho da fé: os pais e quem mais?!

A certeza e a alegria de sermos amados e esperados por Deus deve tornar-se de qualquer forma palpável e concreta para cada um de nós e, sobretudo, para àqueles que nos são confiados, que estão a entrar agora no mundo da fé. Mas como podem as nossas crianças, adolescentes e jovens encontrar n'Ele, na prática e na existência, este caminho de salvação e de alegria? Poderão encontrar Cristo, no caminho da fé, se tiverem bons guias. Na verdade, todos precisamos de bons guias, na nossa busca incessante de Deus!

E aos pais compete serem os primeiros e insubstituíveis educadores na fé. Mediante o testemunho de vida, os pais são os primeiros arautos do evangelho, junto dos filhos (cf. LG 11). Mais ainda, rezando com os filhos, dedicando-se, com eles à leitura da Palavra de Deus e inserindo-os na Igreja e na participação da Eucaristia, tornam-se plenamente pais, não apenas na ordem biológica, mas na dimensão espiritual. Os pais cristãos sabem que só dão verdadeiramente a vida aos filhos e a vida pelos filhos, se com a vida lhes derem também um



Aos pais compete serem os primeiros e insubstituíveis educadores na fé. Mediante o testemunho de vida, os pais são os primeiros arautos do evangelho, junto dos filhos

sentido para ela. Eu diria mesmo: só é possível e justo, por exemplo, pedir o batismo e a catequese, para os mais novos, “se, com a vida, podemos oferecer também a garantia de que essa vida, com todos os problemas do mundo, é boa, que é bom viver, que esta vida é protegida por Deus e que é um dom autêntico. Só a antecipação do sentido justifica a antecipação da vida” (Bento XVI, *Lectio Divina*, 11.06.2012).

Os pais transmitem a fé aos seus filhos com o testemunho de sua vida cristã e com sua palavra. **O testemunho é a primeira forma de evangelização.**

Não bastam meros dispensadores de regras e informações; são necessárias testemunhas autênticas



Por isso, lembramos aqui a preciosa indicação de Paulo VI, de que “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN 41).

Advertia-nos com lucidez o Papa, no primeiro dia deste ano: “O trabalho educativo passa através da liberdade, mas tem também necessidade de autoridade. Por isso, especialmente quando se trata de educar para a fé, são fulcrais a figura da testemunha e o papel do testemunho. A testemunha de Cristo não transmite simplesmente informações, mas compromete-se de maneira pessoal na verdade que propõe e, através da sua própria vida, torna-se um ponto de referência confiável” (Bento XVI, Discurso, 11.06.2007).

Neste sentido, para guiar os outros, para educar os outros, o mesmo é dizer, para conduzir os outros para fora de si mesmos até Cristo, em quem a nossa humanidade se completa, já “não bastam meros dispensadores de regras e informações; são necessárias testemunhas au-

tênticas, que saibam ver mais longe do que os outros, porque a sua vida abraça espaços mais amplos. A testemunha é alguém que vive primeiro o caminho que propõe” (cf. Bento XVI, Mensagem no Dia Mundial da Paz 2012).

Oxalá as nossas crianças, adolescentes e jovens encontrem, ao longo do seu caminho, verdadeiras “estrelas”, que os guiem para fora de si mesmos, “rumo a uma plenitude que os faça crescer” e que só o Deus feito Homem lhes pode dar! Deixai que me dirija especialmente aos pais: procurai, ser para os vossos filhos, as “estrelas” que guiam e apontam para o verdadeiro “Sol Nascente”, para a Luz do mundo, que é Cristo (cf. Jo.8,12). “Nisto vos ajudará o Senhor, que vos propõe ser simples e eficazes como o sal, ou como a lâmpada que dá luz sem fazer ruído” (Bento XVI, Discurso, 19.08.2011).

Procurai, ser para os vossos filhos, as “estrelas” que guiam e apontam para o verdadeiro “Sol Nascente”, para a Luz do mundo, que é Cristo

6. MARÇO 2013

Catequese de adultos, para encontrar as razões da fé

Mas surge a pergunta: não será que também muitos pais e alguns demais educadores estão ainda numa certa infância da fé? Não será que os próprios pais, e a começar por eles, precisam também de percorrer um caminho de fé, com os filhos, para com eles crescerem, na adesão íntima, pessoal e eclesial a Cristo?

A maior parte de vós – e agora dirijo-me especialmente aos pais e demais adultos educadores da fé – retomou o contacto com a Igreja, com a Eucaristia, a partir do início da Catequese de infância dos vossos filhos. E todos sentis dificuldade em propor o essencial da fé aos vossos filhos, uma vez que vós próprios não vos sentis iniciados, no mais básico da vida cristã.

Não seria útil e necessário, para vós, aproveitar a oportunidade da Catequese de adultos, para alimentar as raízes de uma fé, que estão praticamente a descoberto, secas e quase moribundas, como plantinhas que não foram alimentadas nas fontes da Palavra, da Oração e dos sacramentos?!

Não será necessária e prioritária, para vós, adultos, uma catequese, isto é, um percurso formativo, que vos ajude a encontrar as razões

Descobrir novamente os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada e refletir sobre o próprio ato com que se crê, é um compromisso que cada crente deve assumir, sobretudo neste Ano da Fé

da vossa fé e da vossa esperança (cf. 1 Pe.3,15), superando as debilidades de uma fé que precisa de ser esclarecida e amadurecida?!

Não seria útil ensaiarmos, por exemplo, uma Catequese mais intergeracional, onde pais e filhos caminhem juntos na fé? Estamos a preparar-nos para encetar, a partir do próximo ano e com o 1º ano de catequese, um modelo da chamada catequese familiar, que envolve no processo catequético permanentemente pais e filhos e uma relação mais estreita com a vida da comunidade. Quero crer, que alguns de vós estareis disponíveis, para avançar, neste sentido!

Neste momento já está a funcionar quinzenalmente, às sextas-feiras, a Catequese de Adultos. Também realizamos com alguma frequência encontros de Leitura Orante da Bíblia (Lectio Divina) em dias da semana, à noite. São encontros que enriquecem a formação bíblica e provocam a fé. Se não puderem participar sempre, participem sempre que puderem.

“Descobrir novamente os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada e refletir sobre o próprio ato com que se crê, é um compromisso que cada crente deve assumir, sobretudo neste Ano da Fé” (PF, 9). Eis um desafio a agarrar.



7. ABRIL 2013

A Igreja, uma companhia amiga e segura, no caminho da fé

Perguntar-me-eis: não estará a Igreja a pedir-nos demasiado? Não deverá a Igreja oferecer-nos mais e pedir-nos menos? Vós próprios – sobretudo os que são pais e educadores da fé – sabeis bem que “nenhum homem e nenhuma mulher, sozinhos e unicamente com as próprias forças, podem dar aos filhos, de maneira adequada, todo o sentido da vida. De facto, para poder dizer a alguém “a tua vida é boa, mesmo se eu não conheço o teu futuro”, são necessárias uma autoridade e uma credibilidade superiores àquelas que uma pessoa pode ter sozinha. O cristão sabe que esta autoridade é conferida àquela família mais vasta, que Deus, através do seu Filho Jesus Cristo e da doação do Espírito Santo, criou na história dos homens, isto é, a Igreja. Aqui, o cristão reconhece a obra daquele Amor eterno e indestrutível, que garante à vida de cada um de nós um sentido permanente, mesmo se não conhecemos o futuro. É precisamente esta a grande missão para a qual a Igreja existe, como família de Deus e companhia de amigos, na qual somos inseridos pelo Batismo e na qual deve crescer a nossa fé e a alegria e a certeza de sermos amados pelo Senhor” (Bento XVI, Discurso, 6.6.2005).



É indispensável que as novas gerações possam fazer a experiência da Igreja como uma companhia de amigos

Por conseguinte, é indispensável que as novas gerações possam fazer a experiência da Igreja como uma companhia de amigos, na qual podem confiar, próxima em todos os momentos e circunstâncias da vida, quer elas sejam alegres e gratificantes (no nascimento, com **Batismo**; no crescimento, com o **Crisma**; no alimento espiritual, com a **Eucaristia dominical**; no amor conjugal, com o **Matrimónio**), quer sejam difíceis e obscuras (no pecado, com a **Reconciliação**; no sofrimento com a **Unção dos Doentes**; na morte, com as **Exéquias cristãs**). Trata-se de uma companhia, que nunca os abandonará na vida, nem sequer na hora da morte, porque tem em si a promessa da eternidade.



Não é só a família que deve contar com a Igreja, com a Paróquia. A Igreja e a Paróquia contam também com as famílias

Neste sentido, a família também necessita da Igreja, que está presente entre as casas dos seus filhos. através da Paróquia e, mais concretamente, do seu ambiente educativo, do seu espaço celebrativo, e do serviço da catequese, como colaboração, que a comunidade cristã presta aos pais, na educação e crescimento da fé dos filhos.

Porque a pertença à Igreja e a participação na sua missão é tão importante no caminho da fé, é que não podemos fazer Catequese, avulso, com horários e grupos separados uns dos outros. Ir à Catequese não pode ser ou parecer-se a algo como “*ir a uma aula*” de música ou de ginástica, no horário que mais nos convém. Ir à Catequese implica entrar e participar num ambiente comunitário, integrar-se numa família, interessar-se pelas suas iniciativas, viver em comunhão, a partir do centro da vida cristã, que é a Eucaristia. É nesta «*casa e escola de comunhão*» (NMI 43) que o discípulo de Jesus conhece e reconhece a Cristo, crescendo na amizade com Ele.

Mas não é só a família que deve contar com a Igreja, com a Paróquia. A Igreja e a Paróquia contam também com as famílias, como sujeitos e agentes da sua edificação e crescimento. A Igreja só pode tornar-se uma grande família, se cada família se tornar uma pequena Igreja, que se assume como protagonista do testemunho e da transmissão da fé. Por isso é tão importante que a participação na Catequese e na Missa se prolongue no ambiente familiar, através do diálogo, da oração, da entretajuda, no caminho da fé. E que as próprias famílias cristãs, em sua casa, nos seus lugares e bairros, nos ambientes das suas vivências e convivências, estejam sempre dispostos a confessar a Cristo como Senhor e a dar aos outros as razões da sua fé e da sua esperança “*com mansidão e respeito, mantendo limpa a consciência, de modo que os que caluniam a vossa boa conduta em Cristo sejam confundidos, naquilo mesmo em que dizem mal de vós*” (1 Pe.3,15-16).



8. MAIO 2013

Educar na fé, o que é? Saberemos fazê-lo?



Educar na fé os filhos não é, em primeiro lugar, instruir em assuntos religiosos, ou desfiar em casa um catecismo; é, em primeiríssimo lugar, criar uma atmosfera de amor, que fale de Deus e um ambiente de oração, que deixe Deus falar

A futura evangelização, disse o beato João Paulo II, «*depende em grande medida da Igreja doméstica*» (FC 52), isto é, da família cristã. E o Concílio Vaticano II já tinha dito: “*Esta função educativa da primária dos pais é de tal ordem que, onde não existir, dificilmente poderá ser suprida*” (cf. GE3).

Mas sejamos claros. Educar na fé os filhos não é, em primeiro lugar, instruir em assuntos religiosos, ou desfiar em casa um catecismo; é, em primeiríssimo lugar, criar uma atmosfera de amor, que fale de Deus e um ambiente de oração, que deixe Deus falar. É viver uma vida, em família, na qual Deus tenha o primeiro lugar e goze de prioridade, nas vossas escolhas e ocupações. E isso reflete-se em atitudes simples, como, por exemplo, não deixar de rezar

em família, não deixar de participar na Eucaristia dominical, mostrando assim que é Deus o Senhor de tudo o que somos e temos. Viver assim, prepara o terreno, para que a semente da fé, lançada no Batismo, possa desenvolver-se e frutificar na vida.

Este ambiente educativo, que se traduz em atitudes e escolhas diárias, é já educação na fé. Deste modo, se inicia a pessoa, na relação com Deus, criando condições para que ela, escutando a sua voz e a sua Palavra, e tocando e experimentando o Seu amor, no amor dos pais e irmãos, vá “*entrando*”, pouco a pouco, no mistério de Deus e na comunhão com todos os que nEle creem, no seio e no meio da sua Igreja.

Isso leva o seu tempo e leva a vida toda. E não se reduz a uma aprendizagem decorada da doutrina e dos mandamentos, mas torna-se uma lenta e progressiva adesão, da inteligência e do coração, do corpo e da alma, à pessoa de Jesus Cristo, a Quem se segue como Caminho, Verdade e Vida.

Educar é, pois, fazer crescer a pessoa, no que ela tem de melhor, dentro de si, para dar aos outros. E educar na fé é ajudar os filhos a crescer, como Jesus, em todas as dimensões «*em estatura, em santidade e graça*» (Lc.2,52), «*até que cheguem ao conhecimento vital do Filho de Deus, ao estado de homem perfeito, à medida de Cristo na sua plenitude*» (Ef.4,13).

Para a estatura física, requer-se alimento sólido, exercício físico, cuidados de saúde. Para crescer na graça da santidade, à imagem de Cristo, é preciso igualmente cuidar do alimento sólido da fé, do exercício espiritual da oração, da celebração comunitária, da escuta da Palavra de Deus, para chegar a fazer a experiência de pertença e a partilha da vivência da fé, sempre no seio e no meio de uma comunidade cristã.



9. JUNHO 2013

Educar a fé é mais do que mandar os filhos à Catequese

*Uma verdadeira educação da fé,
não se limita a uma instrução
religiosa ou moral, mas visa o
crescimento e o amadurecimento
da fé*

Certamente, muitos de vós, pais e educadores da fé, estais muito preocupados por que os vossos filhos se portem e comportem bem. Estais determinados em fazer deles “*peças de bem*”, pessoas sérias e felizes, pessoas bem sucedidas na vida. E, não raro, procurais a Catequese, como um lugar de aprendizagem moral de uma vida reta e correta. Mas, em rigor, por muito que me custe dizer-vos, essa não é essa a tarefa central nem exclusiva da catequese.

A Catequese destina-se a pôr-nos, não apenas em contacto, mas em comunhão íntima e vital com a pessoa de Jesus Cristo (DGC 80). Nós não esperamos que os vossos filhos sejam apenas “bons alunos”, ou “bons rapazes”. O nosso objetivo é outro: é fazer deles discípulos de Cristo, que O seguem na comunhão com a Igreja.

Deixai por isso, que vos recorde que uma verdadeira educação da fé, não se limita a uma instrução religiosa ou moral, mas visa o crescimento e o amadurecimento da fé, nas suas diversas dimensões: a fé professada, celebrada, vivida e rezada.

Se abirdes o Catecismo da Igreja Católica, cujos uso e leitura vos recomendamos vivamente, vereis que ele se organiza, precisamente nestas quatro partes:

1. A profissão da Fé, que se resume no credo;
2. A celebração do mistério cristão, que tem lugar privilegiado na Liturgia e Sacramentos;
3. A vida em Cristo, segundo o Espírito, na prática cristã, que se resume no mandamento novo do amor;
4. A oração Cristã, que tem no Pai-Nosso o seu modelo inspirador.

Vejamos brevemente as implicações de uma educação da fé em todas as dimensões:



A fé é professada e pensada: não basta ter o credo na boca!

O cristão sabe que a sua fé é razoável. Sabe que esta fé não entra em concorrência nem em contradição com as descobertas da ciência!

Enquanto a ciência procura resposta para perceber «*como*» as coisas deste mundo surgiram e como elas evoluem e se transformam ao longo do tempo, a fé procura e ilumina o sentido, em busca do «*porquê*» da nossa vida, neste mundo e o seu futuro último, no mundo novo que há de vir e que está nas nossas mãos.

E não há oposição entre ciência e fé, entre fé e razão. São duas asas do espírito humano, para chegar à verdade. E, se estivermos bem atentos, até vamos reparando como as descobertas científicas sugerem, cada vez mais, que

Não há oposição entre ciência e fé, entre fé e razão. São duas asas do espírito humano, para chegar à verdade

por trás de tudo, há afinal uma grande **Inteligência**, na qual poderemos confiar! Ora, este princípio inteligente, que está na origem da vida e a fez despontar e evoluir, – diz-nos a fé cristã – é também e sobretudo, Amor: amor criador (no Pai), amor redentor (no Filho), amor pessoal (no Espírito Santo).

Por outras palavras, esta Razão eterna e incomensurável, que preside à criação, na sua gênese e evolução, não é apenas uma espécie de “*matemática do universo*” e, ainda menos, uma “*causa primeira*” que, depois de ter provocado o *Big Bang* (a explosão inicial), se retirou.

Pelo contrário, esta Razão primordial, este grande *Logos*, tem coração, é Amor. Como disse Bento XVI, este “*Deus, que é a fonte originária de todo o ser e o princípio criador de todas as coisas é, ao mesmo tempo, Alguém que nos ama, com toda a paixão de um verdadeiro amor*” (DCE, 10).



Cada criatura, e particularmente cada pessoa humana, é fruto de um pensamento e de um ato de amor de Deus

Muitas vezes, julgamos que **ciência e fé, criação e evolução**, são irreconciliáveis; que a lógica matemática tenha descoberto tudo; que o mundo é fruto da casualidade, e que se a matemática não descobriu ainda o teorema Deus é porque Deus não existe. Nem sempre é fácil, reconduzir tudo a um projeto divino, inscrito na natureza e na história do Homem. Mas, na verdade, se tudo fosse fortuito, a vida não teria sentido!

Ora, a mensagem bíblica, a par, por exemplo (e só para dar um exemplo), da descoberta recente da chamada “*partícula de Deus*”, vem ajudar-nos a ver mais claramente: nem a vida do mundo, nem o mundo da minha vida, são um acaso. Não somos um produto casual e sem sentido da evolução. A criação vive de um milagre de amor, que acontece a cada instante!

“Fomos amados por Deus, ainda antes de começarmos a existir! Movido exclusivamente pelo seu amor incondicional, Deus criou-nos do nada para nos conduzir à plena comunhão consigo. A verdade profunda da nossa existência está, pois, contida neste mistério admirável: cada criatura, e particularmente cada pessoa humana, é fruto de um pensamento e de um ato de amor de Deus. É a descoberta deste facto que muda, verdadeira e profundamente, a nossa vida” (Bento XVI, Mensagem para o Dia Mundial das Vocações 2012).

Por isso o diálogo entre fé e razão, entre a fé e a ciência, se for feito com sinceridade e rigor, sem preconceitos, oferece-nos a possibilidade de compreender, de modo mais eficiente e convincente, o bom senso da fé, em Deus: não num Deus qualquer, mas naquele Deus que se revelou em Jesus Cristo. No próprio Jesus Cristo encontra-se o cumprimento de qualquer aspiração humana autêntica!

EMRC e Catequese, espaços necessários e complementares na educação da fé

Esta relação entre a ciência e a fé, entre a fé e a razão, entre o culto e a cultura, é particularmente estudada e cultivada, nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica, que os vossos filhos podem frequentar desde o 1º ao 12º anos. Estas aulas não concorrem com a Catequese nem a substituem. Situadas, em contexto escolar, as aulas de EMRC destinam-se a ampliar a compreensão da fé e a adquirir uma visão cristã da vida. Não deixeis de promover a matrícula nesta Disciplina, de oferta obrigatória, na escola estatal, por mero comodismo ou indiferença. Se quereis uma educação integral, não podeis deixar de lado a dimensão religiosa e moral de toda a vida humana.

E caberia aqui lembrar-vos que *“o educador genuíno leva a sério a curiosidade intelectual que já existe nas crianças e, com o transcorrer dos anos, adquire formas mais conscientes. Interpelado e muitas vezes confundido pela multiplicidade de informações e pelo contraste das ideias e das interpretações que lhe são incessantemente propostas, o jovem de hoje conserva todavia dentro de si uma grande necessidade de verdade: portanto, permanece aberto a Jesus Cristo que é a Verdade”* (Bento XVI, Discurso, 11.06.2007).

Se quereis uma educação integral, não podeis deixar de lado a dimensão religiosa e moral de toda a vida humana

Os professores de EMRC, investidos nessa missão, pelo Bispo Diocesano, serão os mais qualificados e estão no ambiente mais adequado, para ajudar os mais novos a perceber como a fé é razoável e como só é fiável uma inteligência, que se abra à fé.

Outro, porém, e igualmente necessário, é o espaço da Catequese, mais de âmbito paroquial e mais direcionado para a uma iniciação integral e global à vida cristã, através da conversão e do seguimento de Cristo, na celebração e na vivência prática da fé, na comunhão com a Igreja.

A Catequese é muito importante, para conhecer bem, e professar de todo o coração, a fé da Igreja, que se condensa no “Credo”, onde se resume o essencial dos conteúdos da nossa fé.

Professar a fé, em todo o caso, implica sempre o conhecimento lento e progressivo da Palavra de Deus e da doutrina da Igreja; mas tal conhecimento alcança-se, não apenas por esfor-



ço intelectual, mas graças a uma relação íntima, pessoal e vital, com Cristo, na comunhão com a sua Igreja. Essa é uma possibilidade, que não está ao alcance do mundo escolar, mas que se oferece adequadamente no ambiente paroquial.

Por outras palavras, a fé não se reduz a uma teoria sobre esta vida ou a vida futura. Ela é adesão à pessoa de Jesus Cristo, à sua Palavra. Por isso, a Catequese não é somente uma doutrina a aprender; não é uma aula de religião e moral a receber, ou um credo na boca, a dizer de cor e salteado. Ela é sobretudo o tempo e o ambiente propício a descobrir «uma Pessoa», Jesus Cristo, a Quem amar para conhecer e a Quem havemos de conhecer melhor, para amar mais ainda.



A fé é celebrada e festejada em comunidade: ninguém crê “sozinho”

Cada um dos sete sacramentos torna presente as maravilhas de Deus na nossa Vida

A nossa fé não vive de ar e vento! Não é uma ficção científica. Não é uma ideia abstrata. É uma experiência de encontro e de descoberta, cada vez mais profunda, do amor de Deus por nós.

Por isso, a fé, tal como o amor, exprime-se em palavras, em gestos, em sinais, que se renovam, mais ou menos vezes: a fé requer encontro, escuta, presença, diálogo, festa, espaço de comunidade.

A fé cristã celebra a palavra e os gestos de Cristo, na Liturgia e nos Sacramentos. Cada um dos sete sacramentos torna presente as mara-



vilhas de Deus na nossa Vida, renova os gestos de Cristo na nossa história e ajuda a Igreja a crescer como família e Povo de Deus, que peregrina na fé.

Porque professamos a mesma fé, temos o mesmo Senhor e celebramos o mesmo Batismo (cf. Rom.4,5), então também nos reunimos, como família, para celebrar o encontro de Deus conosco, sobretudo na mesa da Eucaristia.

Daí que seja tão importante celebrar, isto é, deixar que Deus, na nossa linguagem humana, nos fale e Se comunique, Se encontre conosco e nos dê a sua vida, a sua graça, o seu perdão, a sua luz, a sua força, o seu amor.

E isto, eu não posso recebê-lo ou fazê-lo por mim próprio: porque sou crente, com outros crentes; sou cristão com outros cristãos; sou membro com outros membros de um mesmo e único Corpo, que é a Igreja, de que Cristo é a Cabeça (cf. Ef.4,4-6).

Embora possa e deva rezar a sós, para interiorizar a minha relação com Deus, não posso ignorar que recebo a fé, por meio de outros e com os outros. Por isso, a fé não pode ser algo apenas “pensado” ou “vivido” ou “rezado” exclusivamente a sós.

Que seria, por exemplo, de um casal, de uma família, em que todos dizem que pensam muitas vezes uns nos outros, mas que nunca



se veem, nunca se falam, nunca se encontram, nunca riem e choram juntos, nunca comem à mesma mesa? Seria uma relação conjugal, filial ou fraterna, destinada ao fracasso, porque lhe faltariam os ritos e os momentos celebrativos que a manifestam e promovem. O mesmo se pode dizer a respeito da fé: se não for celebrada, em comum, ela degenera num mero sentimentalismo religioso, sem significado prático na vida.

De resto, pensai bem: alguém, na vida, nasce ou cresce sozinho?! Como pode então alguém crescer na fé, sozinho?!

A fé é, sem dúvida, um ato pessoal. Mas é também um ato comunitário: sem os outros, não poderia chegar à fé. Sem os outros, não posso caminhar e crescer na fé. Excluir a comunhão com os outros, é pôr-me fora do lugar, onde Deus Se quer manifestar (cf. Mt.18,20).

A fé é vivida mas não se reduz aos grandes valores

Outra dimensão importante da fé é a sua vivência prática. Todavia, não nos iludamos, pensando que basta ser boa pessoa, praticar o bem, cumprir os mandamentos, para ser cristão. Ser cristão implica, não tanto, nem apenas, o cumprimento de um código ou de uma Lei, mas a vontade de seguir a Pessoa viva de Jesus Cristo e de encarnar a sua proposta de vida.

A catequese, a este respeito, pretende iniciar numa vida nova, segundo e seguindo uma Pessoa viva, que é Cristo, sem deixar reduzir a fé cristã a uma simples moral de *bom comportamento*.

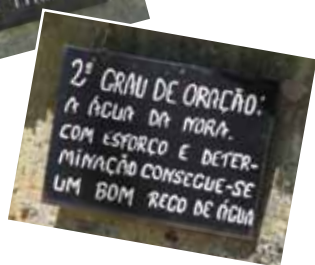
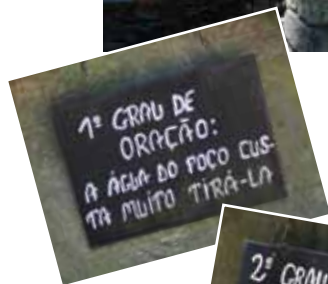
Verificamos, caríssimos pais e demais educadores da fé, como muitos de vós, contaís e esperais apenas da Catequese, que faça dos vossos filhos *“meninos bem-comportados”*. Com certeza, que não promovemos a desalegria e a falta de retidão nas suas atitudes. Mas ser cristão é muito mais do que isso. É viver *“de Cristo, com Cristo, em Cristo, por Cristo”*, a tal ponto de podermos chegar a dizer, como São Paulo, *«já não sou Eu que vivo, é Cristo, que vive em Mim»* (Gal.2,20). A vida cristã é vida em Cristo. E seguimos a Cristo, porque o Seu Espírito está em nós e nos move a viver assim, como filhos de Deus. Não somos “escravos de um dever”, mas impelidos por uma fé, que atua pelo amor (cf. Gal.5,6).

É bem verdade: sabemos todos que *“a fé sem obras está morta”* (Tg.2,26). Mas sabemos

também que as *«obras sem a fé»*, deixam a caridade, à mercê da dúvida (PF 14). Se falta a fé, falta dar lugar a Deus, que é Aquele que verdadeiramente *“opera em nós o querer e o agir”* (Fil.2,13).

Para tornar isto mais claro, voltemos, só para dar um exemplo, à presente crise e reparemos: embora certos valores, como a solidariedade, o serviço aos outros, a responsabilidade pelos pobres e atribulados, sejam em grande parte compartilhados, pela maioria das pessoas, todavia falta, muitas vezes, a força capaz de motivar e induzir o indivíduo e os grandes grupos sociais a abraçarem renúncias e sacrifícios. Aqui se vê que o conhecimento e a vontade têm de caminhar, necessariamente, lado a lado. Se não for assim, a vontade de preservar o lucro pessoal obscurece o conhecimento e este, enfraquecido, é incapaz de revigorar a vontade. Por isso, desta crise, surgem interrogações fundamentais: Onde está a luz que possa iluminar o nosso conhecimento não apenas com ideias gerais, mas também com imperativos concretos? Onde está a força que sublime a nossa vontade? Está na fé! Por isso, quando falta a fé, também o amor não é capaz de ir tão longe como se pensa!

*A fé sem obras está morta.
Mas sabemos também que as obras
sem a fé, deixam a caridade,
à mercê da dúvida*



A fé é rezada mas não basta saber de cor algumas orações

Educar na fé ou para a fé, para o seguimento e o testemunho de Cristo, implica ajudar os nossos irmãos e ajudar-nos uns aos outros a entrar num relacionamento vivo, com Cristo, que nos conduz ao Pai, na comunhão do Espírito Santo. Os discípulos de Jesus viam-no rezar e pediam que os ensinasse a rezar, como Ele: “*Senhor, ensina-nos a rezar*” (Lc.11.1). Com isso, não lhes pediam tanto que lhes ensinasse mais uma oração, mas que os ensinasse a entrar no segredo daquela intimidade que O unia ao Pai, no laço de amor, entre ambos, que é o Espírito Santo. Com isto, os discípulos perceberam que não há fé cristã, não há adesão a Cristo, nem seguimento de Jesus, sem experiência de oração.

Iniciar à oração, isto é, ajudar a entrar no diálogo amoroso com Deus, é uma das grandes tarefas da catequese, nem sempre tida na devida conta

Iniciar à oração, isto é, ajudar a entrar no diálogo amoroso com Deus, é uma das grandes tarefas da catequese, nem sempre tida na devida conta. Mas é fundamental. Porquê? Porque não se chega ao conhecimento de Deus, como se chega ao conhecimento das coisas. Chega-se ao conhecimento de Deus, como se chega ao conhecimento das pessoas: pelo encontro, pelo diálogo, pela presença mútua, pela convivência,

pelo amor, pois *“quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor”* (1Jo.4,8). Daí que a nossa fé deva ser cultivada por uma relação íntima e pessoal com Cristo. E esta relação de amizade estabelece-se sobretudo através da oração. Rezar *“é tratar de amizade, com Aquele, que sabemos que nos ama”*, dizia Santa Teresa de Jesus.

Queridos amigos: para a educação e a formação cristãs são decisivas antes de tudo a oração e a nossa amizade pessoal com Jesus: pois somente quem conhece e ama Jesus Cristo pode introduzir os irmãos num relacionamento vital com Ele.

Esta experiência de oração devia começar em casa e alargar-se na Igreja. Mas – e é tão triste verificá-lo – quando se pergunta a um casal cristão, se reza como casal, ou se reza em família, ouve-se, com muita frequência, esta resposta: *«ah, cada um reza para si»*... como se cada pessoa fosse uma ilha ou um membro isolado de um corpo. Às vezes, eu pergunto a esse casal. *“E no resto da vida conjugal e familiar também é «cada um para si»?”* E todos percebemos que isso não levaria a parte nenhuma!

Alguns de vós, dirão, com enganosa convicção: mas eu *“rezo sozinho”*, *“rezo para mim”*. Ou então, *“gosto mais de ir à Igreja quando não está lá ninguém”*.

Sejamos bem claros: a oração pessoal é necessária e Jesus lembra-nos que podemos e devemos ter o nosso *“lugar secreto”* (Mt.6,6), para escutar a voz íntima do amor do Pai. Devemos cultivar a oração pessoal continuamente. Mas nós, pessoas e cristãos, não somos uma ilha, somos pessoas em relação, pessoas em comunhão, pessoas umas com as outras, umas para as outras, umas graças às outras. Por isso, é tão importante que rezemos em comum. E o próprio Jesus recomenda que nos unamos e reunamos, para rezar, em comum e em Seu nome (cf. Mt.18,20; Jo.18,15-16). Aliás, o próprio Jesus, que gostava de se retirar para rezar, também rezava na sinagoga com o seu Povo (Lc.4,16), também chamou os discípulos a rezar com Ele, na glória e na agonia (Lc.9,28; 22,39). Numa palavra: a oração pessoal não anula nunca a necessidade da oração comunitária.



10. JULHO 2013

Que fé é que nos salva?

Não queria passar ao lado de uma espécie de provérbio popular, que oiço vezes sem conta e que merece um comentário: *“a fé é que nos salva”!* Com estas palavras, na maior parte das vezes, pretende-se dizer: *“o que importa é a convicção interior de cada um, independentemente da fidelidade a um credo, a uma moral, a uma religião”.* A par disto, diz-se mais ainda: *“eu cá tenho a minha fé”* e com isso pretende-se justificar tudo o resto de uma vida religiosa, feita ao sabor de cada um.

A verdade, porém, é que esta frase está certíssima: o próprio Jesus diz muitas vezes, aos que foram curados por Ele: *«foi a tua fé que te salvou»* (Mt.9,22; Lc.7,50; Lc.18,42) e São Paulo dirá, com vigor, *“é pela fé que somos salvos”* (Gal.6,11; Rom.5,19). Até aqui tudo bem.

Mas de que fé é que nos fala Jesus, de que fé é que nos fala São Paulo, para que um e outro, nos digam que, nessa fé, está a nossa salvação? Falam-nos de uma fé, que é a atitude própria de quem percebe a sua pequenez e reconhece a Sua fraqueza e por isso Se entrega e Se confia, por inteiro, a Deus. A fé liberta-nos da ideia de que nos fazemos ou salvamos sozinhos.



A fé salva-me, na medida em que me cura de uma vida centrada e apostada em mim, e me leva a abrir o coração a um Deus, que é maior do que eu

Dizer que é *“a fé que nos salva”*, significa dizer que não sou eu, com as minhas virtudes pessoais, que posso merecer ou conquistar a salvação. Sou salvo por um Amor, que é maior do que o meu pecado e maior do que o meu coração (1 Jo.3,20). A fé salva-me, na medida em que me cura de uma vida centrada e apostada em mim, e me leva a abrir o coração a um Deus, que é maior do que eu.

Por isso, penso que é importante tomar consciência de que a fé é mesmo o centro de tudo. Não é o contacto físico, não é o gesto exterior que decide, mas o facto de acreditar, de pôr toda a confiança no Senhor.

11. AGOSTO 2013

A Eucaristia, mistério admirável – e não descartável – da nossa fé



Vai longa esta Carta, mas não podia deixar de vos falar sobre a beleza e a riqueza da Eucaristia, que é “a fonte e o cume de toda a vida cristã” (sc 10) e de toda a vida e missão da Igreja. Todos devemos saber que a nossa fé se alimenta na Eucaristia ou da Eucaristia. É aí, na Eucaristia, que a família de Deus é reunida e nutrida pelo Seu amor.

Alguns de vós, dizem, com frequência: “não é preciso ir à Missa, para ser católico”. Apetece-me responder com uma simples pergunta: *Imaginaí o que seria a Igreja e como se veria a Igreja e como se manifestaria a Igreja e o que aconteceria à Igreja, se não houvesse*

A inscrição e a frequência na Catequese supõem, simultaneamente, a opção pela participação fiel na Eucaristia Dominical, sem a qual a Catequese não cumpre a sua finalidade primeira

Eucaristia? Simplesmente a Igreja se tornava uma ficção, uma comunidade virtual. De modo, que a negação da Eucaristia é a própria negação da Igreja, como lugar de encontro e de salvação, pela qual o Senhor nos chama a viver dEle, com Ele, nEle e para Ele.

Sem dúvida, é a Eucaristia que faz a Igreja, na medida em que através dela a Igreja se reúne, se manifesta e se alimenta do próprio dom de Cristo pelos seus. Por outro lado, porque não celebramos sozinhos, nem por nossa conta e risco, é a Igreja que faz a Eucaristia, a ela Cristo confiou este tesouro precioso.

Por isso, na nossa Catequese, insistimos tanto em fazer da celebração dos sacramentos acontecimentos de Deus na nossa vida e da nossa vida em Deus, gestos de Cristo, no hoje da nossa caminhada. Ora, a Eucaristia está no centro de todos os sacramentos e de toda a vida da Igreja.

Por isso, a Catequese, ao pretender iniciar na vida cristã, implica necessariamente uma iniciação à participação, cada vez mais consciente, ativa e frutuosa, na celebração da Eucaristia e também dos outros sacramentos, como por exemplo a Reconciliação (Confissão ou Penitência).

Com todo o ambiente da Catequese, centrado na Eucaristia, a Paróquia procura ajudar pais e filhos a crescerem e a amadurecerem na fé, «*até chegarem a assumir na sua vida uma orientação autenticamente eucarística*» (Sac.Ca. rit.18), que se faz gratidão a Deus e gratuidade para os outros. Pelo que toda a Catequese se orienta para a Eucaristia, como fonte e vértice de toda a vida e missão da Igreja.



Por isso, dizemos aos queridos pais, que a inscrição e a frequência na Catequese supõem, simultaneamente, a opção pela participação fiel na Eucaristia Dominical, sem a qual a Catequese não cumpre a sua finalidade primeira.

A participação na Eucaristia Dominical há de ser, por isso, «*um compromisso irrenunciável, abraçado não só para obedecer a um preceito, mas como necessidade para uma vida cristã verdadeiramente consciente e coerente*» (N.M.I. 36).

A Eucaristia dominical não pode ser um acontecimento descartável da nossa agenda pessoal e familiar, como se fosse uma devoção mais ou uma coisa marginal na vida da fé. Também não pode ser algo de divertido, que nos distraia de Deus e nos gratifique as sensações. Não pode ser algo de banal ou de infantil, que nos afasta do dom sagrado e do drama imenso,



Não há memória de nenhuma vida de santidade, sem a fidelidade do amor à Eucaristia

que é a oferta de Cristo ao Pai por nós. Não pode ser algo de «apressado», como se fosse a coisa menos importante que temos de fazer. Oigo muitas sugestões nesse sentido e não as posso aceitar, em nome da santidade da Eucaristia, que é um banquete sagrado, para o qual somos convidados, todos os domingos, desde a primeira páscoa, de há mais de dois mil anos a esta parte. Trata-se de um mistério, que não temos o direito de aviltar, manipulando a celebração da Missa, de acordo com os nossos desejos nem sempre os mais profundos.

Queridos amigos: A Eucaristia, que celebra o mistério pascal de Cristo, corpo dado e sangue derramado por nós, constitui o próprio centro da vida cristã, donde tudo parte e aonde tudo chega.

Não é aceitável, por isso, nem razoável, uma frequência assídua à catequese, a par de uma ausência habitual na Eucaristia. Catequese e Eucaristia são dois encontros, que se reclamam mutuamente. Tenho de dizer-vos isto: nada se pode antepor ou sobrepor à centralidade da Eucaristia na nossa vida cristã.

Naturalmente haveis de me perguntar: *Mas para que serve ir à Missa, no concreto da vida de todos os dias?*

Seguindo a resposta de Bento XVI a esta pergunta feita por uma criança, eu diria simplesmente que a celebração dominical da Eucaristia serve para encontrar, celebrar e reconhecer Cristo, como o centro, o fundamento e o sustento da própria vida.

Na verdade, nós vivemos a Eucaristia, no meio de tantas coisas, e as pessoas que não vão à Igreja nem sabem que é precisamente a vida de Jesus que lhes falta. No entanto, sentem que lhes falta alguma coisa de essencial. Se Jesus está ausente da minha vida, faltar-me-á sempre um guia, faltar-me-á uma amizade essencial, faltar-me-á também a alegria, que é o sal da vida cristã. Faltar-me-á a força para crescer como homem, a energia para superar os meus vícios e amadurecer humanamente, porque a Eucaristia é pão da vida, pela qual recebemos Cristo e Cristo nos recebe a nós.

É certo que, quando vamos comungar, não vemos imediatamente esse efeito de estar com Jesus; só com o tempo é que nos apercebemos. O contrário também é verdade: quando deixamos de ir à Missa, só, passado algum tempo, é que nos damos conta, como a nossa relação com Deus se foi esvaindo, esvaziando e empobrecendo cada vez mais. A ausência de Deus na nossa vida é uma lacuna destruidora. É muito importante, eu diria mesmo, é mesmo fundamental, alimentar-se de Jesus na Eucaristia. É Ele quem nos dá a Luz, na Palavra que nos é dada ouvir, e no Pão repartido, que então nos é oferecido.

Apraz-me ainda lembrar: não há memória de nenhuma vida de santidade, sem a fidelidade do amor à Eucaristia. Não é possível viver de Cristo, com Cristo, em Cristo, sem a Eucaris-



tia. Podemos chegar a ser boas pessoas, sem a Eucaristia. Mas não chegaremos a ser cristãos, santos e santificados por Deus, sem participar da Eucaristia.

Por isso, não deixeis de vos motivar, para que participeis na Eucaristia ativamente e, se possível, e melhor ainda, com a família e em família. A participação dos pais, com seus filhos, na celebração eucarística dominical, é uma pedagogia eficaz, para comunicar a fé, e um estreito vínculo que mantém a unidade entre todos lá em casa.

12. SETEMBRO 2013

Maria, Estrela que nos guia no caminho da fé



A concluir esta Carta, não queria deixar de vos propor Maria, nossa Mãe e Padroeira da nossa Paróquia, como a primeira discípula de Cristo: a primeira, no tempo e na inteireza do seu ser, a seguir Cristo e a percorrer fielmente o caminho da fé! Ela permanece, justamente pela fé, sempre unida a Seu Filho, do berço à Cruz, da vida à morte, da Ressurreição à Ascensão, até ao dom do Espírito Santo, no Pentecostes. Por isso, *“desde sempre, a Igreja venera em Maria a mais pura realização da fé!”* (CIC 149). A fé é, aliás, a grande chave da vida de Maria, porque tudo lhe foi concedido, mas tudo isso ela viveu na penumbra da fé,

A fé é, aliás, a grande chave da vida de Maria, porque tudo lhe foi concedido, mas tudo isso ela viveu na penumbra da fé

deixando-se conduzir, pela mão de Deus, para o desconhecido, sem nunca chegar a entendê-lo completamente, senão depois da Ressurreição. Do mesmo modo, Maria, elevada ao céu, permanecerá unida à Igreja, no seu peregrinar da fé, por este mundo, desde a Hora da partida, até à sua consumação, no final dos tempos. Maria intercede continuamente, por nós, junto do Filho, tal como o Filho intercede por nós junto do Pai. A Senhora da Hora é a nossa mãe da fé, em todas as horas.

Doravante, Maria está presente no caminho da Igreja, que peregrina neste mundo, como uma Estrela de esperança, que nos guia no meio da noite, até chegarmos todos à visão clara do rosto glorioso de Cristo, o guia, o autor e o consumidor da nossa fé (Heb,12,2)!

A Nossa Senhora da Hora, *“à Mãe de Deus, «feliz porque acreditou», confiemos este tempo de graça”* (pt,14).



E agora e sempre rezemos juntos

Ó Maria, que peregrinas connosco, no caminho da fé:
«Feliz és Tu, porque acreditaste»!

Pela fé, com alegria e trepidação,
geraste em teu seio e deste a luz o Filho de Deus,
que primeiro concebeste pela fé.

Na fé, adoraste o Menino Deus,
que saiu do teu ventre, como fruto bendito.

E, pela fé, na obscuridade interior,
guardaste no coração todas aquelas coisas,
que no momento e de imediato,
não compreendias,
nas palavras e gestos de Teu Filho.

Na penumbra da fé, que te revestiu como um véu,
e num verdadeiro e próprio aperto de coração,
Tu viveste os seus trinta anos de silêncio,
em contacto inefável e permanente
com o mistério de Deus feito Homem!

Na fé, aceitaste segui-LO, em todos os passos da sua missão,
permanecendo primeira e fiel discípula, na escuta da Palavra,
numa Vida inteiramente escondida com Cristo, em Deus.

Com a fé atravessastes a noite escura da morte de Teu Filho.
Na fé, acompanhaste os seus últimos minutos.
Com fé, e contra toda a esperança,
suportaste a espera da sua ressurreição.

Entre a Páscoa e o Pentecostes, na sala da Última Ceia,
a tua fé heroica guardou e transmitiu a memória fiel de Cristo,
a todo o Corpo da Igreja, que estava a nascer.

Elevada ao Céu, és agora a Estrela,
que nos guia no caminho da fé,
mesmo na noite tenebrosa do mal,
e nos momentos de dúvida, de crise,
de silêncio e sofrimento.

Para Ti nos voltamos, ó Maria,
para Te pedir que sustentas,
guies e aumentas a nossa fé
de cansados peregrinos!

Ajuda-nos a ver o que não vemos,
a acolher e a descobrir o Deus vivo,
que vive e cresce dentro de nós
como cresceu em teu seio virginal.

A Ti, que, entre nós, invocamos, como Senhora da Hora,
Dá-nos, como outrora, nas bodas de Caná,
rasgos de luz, que suscitem e amparem a nossa fé,
sobretudo quando Deus nos parecer ausente
e nos vier a faltar a alegria da fé.

Dá-nos, ó Maria, a tua graça
e a tua alegria de levar Jesus, o Teu filho, a todos,
de O mostrar a toda a gente,
sobretudo aos que mais esperam de nós
o testemunho audaz e feliz da fé,
nossa primeira companheira de vida.

A Ti, Mãe de Deus, feliz porque acreditaste
nos entregamos de coração inteiro,
e te confiamos este tempo de graça,
que torne mais bela e mais forte a nossa fé!

Pe. Amaro Gonçalo Ferreira Lopes

Nossa Senhora da Hora, 21 de setembro de 2012
Festa de São Mateus – 4º aniversário de Paroquialidade

ALGUMAS SIGLAS

CIC – *Catecismo da Igreja Católica*

DCE – Encíclica de Bento XVI, *Deus caritas est*, sobre o amor cristão

DGC – Diretório Geral da Catequese

EN – Exortação Apostólica de Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, sobre o anúncio do evangelho

FC – Exortação Apostólica de João Paulo II, *Familiaris Consortio*, sobre a Família Cristã

GE – Declaração do Concílio Vaticano II, *Gravissimum Educationis*, sobre a Educação Cristã

GS – Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, sobre a relação da Igreja com o mundo

LG – Constituição Dogmática do Vaticano II, *Lumen Gentium*, sobre a Igreja

NMI – Carta Apostólica de João Paulo II, *Novo Millennium Ineunte*, sobre a Igreja no alvorecer do terceiro milênio

PF – Carta Apostólica de Bento XVI, *Porta Fidei*, com a qual se proclama o Ano da Fé

SAC. CARIT. – Exortação Apostólica de Bento XVI *Sacramentum Caritatis*, sobre a Eucaristia

SC – Constituição do Concílio Vaticano II *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia

NOSSA SENHORA DA HORA





**Paróquia de
Nossa Senhora da Hora**

<http://www.paroquiasenhoradahora.pt/>